

FESTAS AROUQUENSES NO RIO DE JANEIRO REINVENTANDO TRADIÇÕES

Artur Nunes Gomes*

Este trabalho examina, a partir do estudo de festas religiosas e temporais, a reinvenção de tradições culturais, segundo a concepção de Hobsbawn, para quem essas tradições reinventadas são “um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar certos valores e formas de comportamento através da repetição que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (Hobsbawn, 1984: 9).

Essas festas são realizadas por membros de uma associação regional portuguesa¹ do Rio de Janeiro, o Arouca Barra Clube, em referência ao local de mesmo nome, que é um Concelho do distrito de Aveiro, no norte de Portugal. Sua área é de 327 Km² e tem como principal atividade a agricultura, em especial a cultura do vinho.

A idéia da “criação de uma Casa na cidade capaz de perpetuar as tradições arouquenses em terras brasileiras”, surgiu na década de 1960, quando um grupo de arouquenses passou a se reunir anualmente, no dia 7 de setembro², dia de Nossa Senhora da Mói (que, como veremos adiante, é festejada pela instituição), em almoços e jantares de confraternização, primeiro em churrascarias e posteriormente na Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria. Ressalte-se que a prática de reciprocidade, através de trocas de gentilezas e ritos (Mauss, 1974: 45) entre seus membros é uma das características marcantes das associações portuguesas do Rio de Janeiro.

Em 1969, inaugurou-se a primeira sede própria da associação, na Tijuca, de onde se transferiu, em 1973, para um condomínio na Barra da Tijuca, próximo à Lagoa do Jacarepaguá, na Zona Oeste, passando a chamar-se Arouca Barra Clube. Esta de-

nominação sugere a estratégia da associação de ampliar seus fronteiras simbólicas para além da “comunidade” portuguesa, buscando, como nos disse um de seus diretores, “não ficar fechada entre quatro paredes falando de fado enquanto a mocidade quer dançar rock”. Além disso, ao incentivarem a entrada de jovens em seus quadros, promovem a transmissão de valores culturais através de diferentes gerações.

O corpo social do clube é formado por portugueses de situação econômica privilegiada, em geral grandes comerciantes e industriais e seus descendentes, notando-se a presença maciça de representantes do ramo de panificação entre os associados. Ao estereótipo do português burro, sujo, usando tamancos e servindo seus fregueses no bar com uma caneta presa à orelha, contrapõem a imagem do empresário bem sucedido, criador de empregos, empreendedor de progresso³.

Embora em sua maioria sejam provenientes da região de Portugal que dá nome ao clube, não podemos deixar de dar ênfase ao fato de que há muitos associados que vieram de outras regiões de Portugal, assim como muitos brasileiros.

A estratégia de arregimentar brasileiros tem relação com a erradicação da imigração portuguesa para o Brasil, notadamente na duas últimas décadas, o que tornou imperativa a necessidade de renovação do quadro de associados para a sobrevivência da instituição. Isto sugere que o critério de pertença a esta associação não passa exclusivamente pela origem regional e nacional do associado, mas pela posição social de seus membros e pela vontade de “manter e divulgar as tradições arouquenses” assim como evidencia uma série de relações políticas e econômi-

cas com a sociedade brasileira.

A participação de brasileiros na associação reforça a etnicidade portuguesa, acentuando a *retórica da irmandade*⁴, isto é, a crença de que Brasil e Portugal são pátrias-irmãs, com culturas que, ao longo de suas histórias, se fundem numa só: a luso-brasileira⁵.

Ao mesmo tempo, o Arouca fortalece suas relações com a sociedade de origem ao oferecer honrarias, como títulos de sócio honorário, a figuras notáveis de Portugal. Entre os que receberam esta homenagem, destacamos Mário Soares, Presidente de Portugal, Dra. Maria Manuela Aguiar Moreira, vice-presidente da Assembléia da República Portuguesa, Dr. Leonardo Mathias, embaixador de Portugal no Brasil, Dr. Antônio Gomes da Costa, presidente da “Federação” e do “Real Gabinete”, Prof. Augusto Gomes dos Santos, presidente da Federação de Folclore Português e Prof. Zeferino Duarte Brandão, presidente da Câmara Municipal de Arouca. Estas concessões de honrarias mostram a preocupação do Arouca em estabelecer relações de reciprocidade, tanto com o Estado Português - em nível mais amplo, com a Presidência da República e, na esfera regional, com a Câmara Municipal - como com outras associações portuguesas.

Mas, sem dúvida, o que evidencia acen-tuadamente a expressão da memória coletiva pelos membros desta associação são as diversas festividades que reinventam a vida social da aldeia de origem⁶. Nesta reinvenção, valorizam-se o ethos campônês e a religião católica, características da vida social da aldeia. Veremos, assim, como esta instituição recria traços que acentuam localismos diferenciados, privilegiando a imagem de um Portugal do passado, em detrimento do Portugal contem-

porâneo. Acrescente-se que a exaltação do mundo rural português foi um dos instrumentos utilizados pela política salazarista na sua relação com os emigrantes.

AS FESTAS

O Arouca promove uma série de festas que classificamos em duas categorias⁷: as *de convívio social*, que visam a confraternização dos seus associados, e as *da tradição*, em que se observa a atualização de práticas sociais oriundas da sociedade de origem. É importante salientar que a presença de brasileiros é marcante nestas festas.

As festas de convívio social reforçam os laços de convivência entre os associados e, dentre elas destacamos: o Baile de Debutantes, o Festival de Galetto e Chopp, o Almoço Dançante e o Churrasco dos Aniversariantes do mês e, em especial, o Almoço das Quintas, o Chá de Convívio Social e a Festa do Dias das Mães.

Das festas da tradição, ressaltamos as do ciclo agrícola e as religiosas.

As principais festas agrícolas são: a) a *festa das Vindimas*, que rememora a época da colheita das uvas na região de Arouca. Nesse evento, o Rancho Folclórico do clube apresenta-se com danças alusivas à agricultura local⁸; b) a *festa das Cerejas*, tradicional festividade do calendário da associação, que relembra a colheita da "rainha das frutas" - a cereja.

Entre as festas religiosas destacamos: a) a *Festa de Páscoa*, em que se realiza, após a missa, a cerimônia do Beija-Cruz, também realizada no mesmo período em Portugal. Logo após, os presentes saem em procissão pelas dependências do clube e, com muita emoção, relembram o domingo pascal arouquense, inclusive o tradicional almoço em que são servidos pratos típicos da região; b) a *Festa em Honra da Rainha Santa Mafalda*, que rememora os festejos realizados anualmente em Arouca em louvor da Rainha Santa Mafalda, padroeira de Arouca⁹; c) a *Festa de Nossa Senhora da Mó*, realizada anualmente a 7 de setembro, dia do aniversário da associação¹⁰, que relembra as romarias em louvor à santa cujo templo se localiza no ponto mais alto do Concelho de Arouca, a Serra da Mó, ou Alto da Senhora da Mó.

Além destes eventos que evocam a vida social da aldeia de origem, um setor da associação se destaca no papel de "mantenedor das tradições arouquenses": o rancho folclórico. A análise das reinvenções culturais do rancho e, principalmente, das suas digressões, é fundamental para o entendimento do papel de mediador cultural que esta associação desempenha. A partir da descrição dos eventos produzidos pelo rancho é possível perceber a articulação entre Arouca e a sociedade abrangente não só no tocante à inserção de brasileiros em seus quadros, mas também no que diz respeito à perpetuação da imagem de uma cultura luso-brasileira. Neste caso, a construção da luso-brasilidade não está centrada na cultura erudita, mas baseada na reprodução de uma cultura popular tida como autêntica.

O RANCHO FOLCLÓRICO

Fundado em 1968, o Rancho Folclórico tem como principal objetivo "perpetuar as tradições arouquenses em terras brasileiras" ou, como nas palavras de seu diretor, "desenvolver o folclore puro e autêntico de sua região". O rancho conta com aproximadamente cinquenta componentes, dentre os quais um marcador, um ensaiador, um diretor e quatro cantadeiras, (sendo uma principal) que fazem o solo. A orquestra, denominada tocata, é formada por dez músicos.

Seus trajes, danças e cantos procuram reproduzir o "modo de vida dos antepassados na hora do lazer e nos trabalhos do campo". Quando se referem aos antepassados, os membros do rancho fazem uso de expressões tais como "naquele tempo", "no tempo dos antigos", recordando a "memória de um tempo parado" (Pinto, 1993). Este tempo permanece até hoje, pois, como expressa o diretor do rancho, "nós temos que preservar a mesma cultura até hoje, porque foram os primeiros homens que a desenvolveram e isso vai passando de geração em geração e nós temos que ter o cuidado de quando for adquirir este conhecimento, não puxar o conhecimento de uma pessoa que já deturpou, porque isso é muito problemático".

Os trajes usados pelos componentes do rancho evidenciam a diferenciação social e econômica no meio rural português e

podem ser classificadas em dois tipos básicos: o *traje de campo*, que simboliza os trabalhadores rurais, pessoas de baixo poder aquisitivo; o *traje de domingo* e das *lavradeiras ricas*, usado pelas pessoas mais abastadas, "quando iam às romarias e às missas".

As danças apresentadas pelo Rancho são, em geral, executadas em rodas, cadenciadas, "valseadas", cujos cantares fazem alusão às tradições culturais de Arouca. Entre elas, destacamos:

* *Cana Real* - representa as moças - que ficam no meio da roda - cobiçadas pelos rapazes da aldeia, que lhes dirigiam galanteios.

* *Dança do Senhor da Pedra* - representa as romarias à Capela do Senhor da Pedra, outro marco da religiosidade arouquense, nas quais as pessoas iam cantando e dançando.

* *Dança das Rusgas* - É um desafio de rimas, parecido com o dos "repentistas" do Nordeste brasileiro, no qual, ao som de uma viola ou de uma concertina, "uma rima vai puxando a outra até chegar o final", simbolizando as brigas decorrentes do assédio dos rapazes de uma aldeia a moças de outra.

* *O Malhão* - refere-se aos homens que se deslocam para os trabalhos sazonais - os malhões - quando "malham" o trigo e o centeio, cereais produzidos na região. O termo malhão é alusivo ao malho, instrumento de trabalho utilizado na prática agrícola.

* *Vira das Trempes* - lembram o rigor do inverno da região, quando as pessoas se aqueciam em torno das trempes (espécie de "aranha" em ferro, sobre a qual se colocava a panela na fogueira).

Contudo, para nossa investigação, as atividades do rancho que mais ilustram nossa argumentação são os festivais de folclore e as digressões.

OS FESTIVALS DE FOLCLORE

O Rancho Folclórico do Arouca Barra Clube foi o primeiro de uma associação portuguesa radicada no Brasil a ser aceita na Federação do Folclore Português, órgão centralizador das atividades dos diversos ranchos folclóricos portugueses difun-

didados pelo mundo¹¹. Ao ingressar na Federação do Folclore Português, o rancho deve promover anualmente um festival. O Arouca realiza esses festivais regularmente desde 1991, convidando para participar ranchos pertencentes a diversas associações portuguesas, tanto do Rio de Janeiro quanto de outros estados. Ranchos de Portugal também são convidados. Os requisitos necessários para a aceitação de novos filiados à Federação do Folclore Português são: a) trajes “altamente típicos”, sem estilização; o diretor do rancho do Arouca afirma que, em seu grupo, “*tudo é cópia fiel*”. O argumento de autenticidade é uma fonte de acusações entre os ranchos, apontando para o estabelecimento de um “campo de luta concorrencial” (Bourdieu, 1990) entre as diferentes associações na disputa pelo reconhecimento da comunidade como “legítimos”; b) músicas “realmente folclóricas”, retiradas do “cancioneiro” da região e ensinadas pelos mais velhos às gerações seguintes. O diretor do rancho do Arouca exclui as “músicas de brinquedo”, ensinadas nas escolas; c) coreografia correta das danças, “dançando como nos anos anteriores se dançava”.

AS DIGRESSÕES

Uma das atividades mais importantes dos ranchos folclóricos das associações portuguesas são as digressões, que consistem em visitas a Portugal para exposições de canto e dança. Essa atividade explícita, mais uma vez, a ambiguidade que perpassa as relações entre os dois grupos aqui focalizados. Ao ir a Portugal “*levar o verdadeiro folclore português (arouquense)*”, este grupo realiza um processo de inversão, pois, indivíduos de outra nacionalidade, no caso, brasileiros, tomam para si o papel de porta-vozes de uma outra cultura nacional.

O Rancho de Arouca já se apresentou em diversas ocasiões em Portugal. A primeira ida aconteceu em 1986. Uma questão interessante para se pensar as relações entre estas associações, a sociedade portuguesa e a brasileira, é o fato de que estes grupos, nas digressões, não mostram apenas o “folclore português”, mas também o brasileiro.

Quando das apresentações em Portu-

gal, o Rancho do Arouca apresenta números de “folclore brasileiro”, com danças regionais, como as do Norte, “como uma autêntica índia da Amazônia; do Nordeste, com dançarinos de frevo e baianas típicas; do Centro-Oeste, com dançarinos de maculelê; do Sul, com gaúchos em seus trajes típicos e do Sudeste, com uma pequena exibição de samba, apresentada com bateristas, passistas e destaques.

Assim, os membros dessas associações transitam não só física como simbolicamente pelas fronteiras das duas sociedades em que se inserem: a de origem (portuguesa) e a receptora (brasileira).

Neste sentido, é de grande significação a inserção no rancho Folclórico de seu atual diretor, brasileiro que desempenha esta função há 18 anos. Na escola, quando fazia o curso médio, travou conhecimento com as “tradições portuguesas” nas “Semanas de Folclore” que o colégio promovia. Interessou-se pelo folclore português e foi levado por um amigo ao Rancho Tricanas de Ovar, no qual ingressou como componente, passando posteriormente a ocupar os postos de marcador e ensaiador, quando se transferiu para o Arouca, sendo logo promovido a diretor.

Neste caso, verifica-se a adesão a uma outra cultura e, parece-nos, a “irmandade” vai além da retórica. Em situações como essa, ela parece existir de fato. Uma coisa é a retórica nas relações políticas, outra nas relações pessoais. Acrescente-se que seu sobrinho, também brasileiro, segue os mesmos passos e hoje exerce a função de ensaiador do rancho.

Embora represente a cultura popular portuguesa, essa associação reproduz a “*retórica da irmandade*”, utilizada pelos representantes da cultura oficial, fazendo, por exemplo, com que o samba e o vira sejam apresentados como símbolos de uma só cultura: a luso-brasileira. E, ao incorporar brasileiros a suas instâncias de poder - como na Direção do Rancho Folclórico - reforça os laços com a sociedade receptora, laços estes constantemente reafirmados pela “*retórica da irmandade*”.

Como se percebe, o Arouca Barra Clube tem como premissa básica a manutenção e reinvenção constante de práticas culturais que evocam a sociedade local de

origem, reatualizando em festas seculares e rituais religiosos a memória de uma vida social passada que identifica seus membros como pertencentes a uma determinada região, diferenciando-se dos demais portugueses do Brasil. Neste caso, os membros destas associações marcam sua pertença a um grupo étnico de maneira semelhante aos poetas imigrantes portugueses nos Estados Unidos, mencionados por Graça Capinha em seu trabalho intitulado “*Literatura e Emigração*”, em que “*o universo simbólico dos indivíduos do grupo especificamente em questão (os imigrantes) resulta, na esmagadora maioria dos casos, de um processo de enculturação a nível local ou regional, relacionado, por isso, não tanto com a nação, mas, antes, com a ilha, ou com uma zona específica do país, ou com a própria freguesia*” (Capinha, 1993: 519).

A reconstrução de identidades locais e regionais no contexto da imigração portuguesa nos Estados Unidos também aparece no trabalho de Bela Feldman-Bianco (1993), que demonstra como os açorianos de New Bedford reinventam “*múltiplas camadas de tempos e espaços em um cotidiano americano*”. Mesmo trabalhando como operários na indústria têxtil da região, esses imigrantes, em seu tempo livre, reelaboram antigas práticas sociais como o plantio de hortas, reforçando a dimensão regional da construção de sua identidade.

É interessante notar, contudo, que nos casos acima referidos são imigrantes portugueses que recriam tradições e reconstroem identidades na sociedade receptora. No caso do Arouca, a ambivalência aparece no fato de grande número de brasileiros exercerem o papel de “*mantenedores da cultura arouquense*”.

Desta forma, não podemos deixar de apontar para o aspecto de reelaboração constante de categorias diferenciais que se articulam no interior de um mesmo grupo social, reforçando a ambiguidade na comunidade emigrante e também na comunidade brasileira. Assim, *português, arouquense e “português no Brasil”* não são apenas categorias exclusivas, mas também “*identidades*” acionadas situacionalmente na experiência de imigração vivenciada por estes portugueses.¹²

Neste sentido, o texto de João Arrisca-

do Nunes (1995) é de grande importância para a compreensão da construção de identidades em um contexto migratório. Para este autor, os imigrantes articulam e negociam híbridas e heterogêneas configurações culturais, acionando repertórios culturais de diferentes origens (Nunes, 1995:2). No caso aqui observado, percebe-se a articulação de diferentes configurações identitárias no espaço português do Rio de Janeiro, onde portugueses aqui fixados acionam distintas identidades de acordo com a situação em que se encontram.

Desta maneira, no processo de recriação de um "novo" Portugal no Brasil, a cultura, em suas diferentes expressões, atua como instrumento de interesses políticos e econômicos tanto do Estado Português quanto da elite econômica e cultural da "comunidade portuguesa" do Rio de Janeiro.

Podemos, então, afirmar que o Arouca Barra Clube: a) constitui-se em agência étnica por excelência, pois demarca fronteiras simbólicas (Barth, 1969) entre portugueses e brasileiros, mediante a reelaboração de *símbolos diacríticos* (Cunha, 1987); b) exerce o papel de "empresários étnicos" (Aronson, 1976) da portugalidade no Rio de Janeiro, intermediando o embate político entre a sociedade de origem e a receptora; c) produz simbolicamente a "nação portuguesa" a partir de três noções complementares: nacional (português), regional (arouquense), e transnacional ("no Brasil") - como prolongamento da nação portuguesa; d) ao reafirmar a *retórica da irmandade*, reforça a ambiguidade das relações entre Brasil e Portugal, funcionando como instrumento da política atual de negociação, também identitária, dos estados brasileiro e português.

Pelo exposto, concluímos que, mais que uma atividade lúdica voltada para o congraçamento de membros de uma determinada instituição, as festas aqui focalizadas constituem-se em espaço privilegiado de reinvenção de tradições em que a ambiguidade que marca as relações entre Brasil e Portugal emergem com grande nitidez.

* Artur Nunes Gomes é Mestre em Antropologia/UNICAMP.

NOTAS

- 1 - Associação portuguesa é a categoria empregada pelos portugueses do Rio de Janeiro para "designar seus organismos sociais criados, dirigidos e mantidos por portugueses e que têm uma sede, uma diretoria administrativa, um quadro de associados, uma finalidade definida e que desenvolvem uma série de atividades que visam realizar a finalidade proposta" (Lima, 1973: 29-30). O sistema classificatório das associações portuguesas é bastante amplo. Em geral, referem-se às casas regionais - aquelas que procuram reproduzir as tradições das províncias e aldeias portuguesas - e aos clubes portugueses - empenhados na diversão e no lazer de seus associados - como associações recreativas. Já as escolas e bibliotecas construídas e mantidas pela "comunidade" são classificadas como associações culturais. Há, ainda, as associações filantrópicas e de ajuda mútua, cujo objetivo é prestar assistência a imigrantes em situação financeira e de saúde desprivilegiada.
- 2 - É interessante ressaltar que esta associação foi fundada no dia 10 de junho de 1967, "Dia de Portugal". Contudo, a data mais significativa na vida da instituição é o 7 de setembro, curiosamente o Dia da Independência do Brasil.
- 3 - Segundo Kátia Puente-Muniz (1996), este processo de valorização da auto-imagem também se verifica entre os espanhóis do Rio de Janeiro, especialmente os galegos, frequentemente confundidos com os portugueses no imaginário popular carioca.
- 4 - Esta noção é recorrente em autores consagrados no pensamento social brasileiro, como Gilberto Freyre (1980), com idéia de lusotropicalismo.
- 5 - Sobre o uso da "retórica da irmandade" pelos membros das associações portuguesas no Rio de Janeiro, ver Gomes (1998).
- 6 - Cabe salientar que Boaventura de Souza Santos (1993: 34) define a cultura portuguesa como uma "cultura de fronteira, (onde) são imensas as possibilidades de identificação e criação cultural" e a nacionalidade é afirmada pelo localismo.
- 7 - A descrição aqui apresentada refere-se às observações realizadas entre setembro de 1993 e fevereiro de 1995.
- 8 - A descrição das danças será feita na parte referente ao Rancho Folclórico, cuja presença legítima as festividades ligadas à tradição arouquense.
- 9 - D. Mafalda era filha de D. Sancho I e neta de D. Afonso Henriques, fundador da primeira dinastia portuguesa. Ingressou na vida religiosa e, depois de sua morte, foi-lhe atribuído o dom da santidade, reforçado pela lenda de que seu corpo estava intacto quando foi aberta a sepultura anos após sua morte. Foi declarada santa pelo Papa Pio VI e seu túmulo, em ébano e ornado pela Coroa e Armas de Portugal em prata e bronze, é objeto de veneração em Arouca.
- 10 - Esta festa tem sua realização prevista no Estatuto da instituição.
- 11 - Atualmente fazem parte da Federação de Folclore Português, também o Rancho Folclórico da Casa de Viseu e o Rancho Folclórico do Arouca São Paulo Clube.
- 12 - Cabe aqui lembrar as palavras de Seyferth (1987: 530): "uma definição de grupo étnico deve incluir dois aspectos importantes: é um grupo cujos membros possuem uma identidade distintiva atribuída, e sua distintividade como grupo tem quase sempre por base uma cultura, origem e história comuns".

BIBLIOGRAFIA

- ARONSON, Dan. R.
(1976) "Ethnicity as a cultural system: an introductory essay" in *Ethnicity in the Americas*. Mouton Publishers.
- BARTH, Frederick
(1969) "Introduction" in *Ethnic Groups and Boundaries*. London, George Allen & Unwin.
- BOURDIEU, Pierre
(1990) *Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand.
- CAPINHA, Graça
(1993) "Literatura e Imigração: poetas emigrantes nos Estados de Massachusetts e Rhode Island" in SANTOS, Boaventura de Souza (org.). *Portugal: um retrato singular*. Porto, Ed. Afrontamento/Centro de Estudos Sociais.
- CUNHA, Manuela Carneiro da
(1987) "Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível" in *Atropologia do Brasil: mito, história e etnicidade*. São Paulo, Brasiliense, 2ª ed.
- FELDMAN-BIANCO, Bela
(1993) "Múltiplas camadas de tempo e espaço: (re)construção de classe, da etnicidade e do nacionalismo entre imigrantes portugueses". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, vol. temático nº 38, Descobrimentos/Encobrimentos, dezembro, Coimbra, pp.193-224.
- GOMES, Artur Nunes
(1998) *Sob o signo da ambiguidade: configurações identitárias no espaço português do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Campinas.
- HOBBSAWN, Eric
(1984) "Introdução" in Hobsbawn, E. & Ranger, T. *A Invenção da Tradição*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- LIMA, Maria Helena Beozzo de
(1973) *A Missão Herdada: Um estudo sobre a inserção do imigrante português*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ.
- MAUSS, Marcel
(1974) "Ensaio sobre a dádiva" in *Sociologia e Antropologia*, vol. II, São Paulo, EDUSP.
- NUNES, João Arriscado
(1995) "Boundaries, margins and migrants: on paradigm shifts, heterogeneity and culture wars". *Oficina*, nº 55, agosto.
- PINTO, Maria Dina Nogueira
(1993) *Através dos espaços, em busca do tempo: um estudo de imigrantes portugueses no Rio de Janeiro*. (mimeo).
- PUENTE-MUNIZ, Katia Cristian
(1996) *Os filhos de Santiago em terra carioca: a construção da identidade espanhola*. Dissertação de Mestrado, UFRJ.
- SANTOS, Boaventura de Souza
(1993) "Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 38, dezembro.
- SEYFERTH, Giralda
(1987) "Grupo Étnico" (verbetes) in *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/MEC.
- REVISTA Comemorativa dos 25 anos do Arouca Barra Clube
(1992) Rio de Janeiro, Malta Editora.